

OS PERSONAGENS MALANDROS DE LIMA BARRETO

THE TRICKSTER CHARACTERS BY LIMA BARRETO

Victória Nantes Marinho Adorno

Altamir Botoso

UEMS

Resumo: O objetivo deste artigo é evidenciar traços da malandragem nos personagens dos contos “O homem que sabia Javanês”, “Nova Califórnia” e no romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Como suporte teórico, utilizaremos os seguintes textos: “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido (1970), *Carnavais, malandro e heróis*, de Roberto DaMatta (1990), *A vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa (2003), *Malandragem Revisitada*, de Roberto Goto (1988), *Que horas são? Ensaio*, de Roberto Schwarz (1987), *No fio da navalha: malandragem e literatura no samba*, de Giovanna Ferreira Dealtry (2009), dentre outros. Em nosso estudo, identificamos primeiramente os traços e características mais relevantes dos malandros para, em seguida, efetivar-se a análise desses elementos com o apoio dos textos teóricos, com o intuito de ampliar os estudos sobre o personagem malandro e os seus desdobramentos na ficção brasileira, e também com o propósito de difundir as obras de Lima Barreto que apresentem personagens cujo comportamento seja regido pela malandragem.

Palavras-chaves: Malandro; “O homem que sabia javanês”; “Nova Califórnia”; *Clara dos Anjos*; Lima Barreto.

Abstract: *The objective of this article is to show traces of trickery in the characters of the short stories “The man who knew Javanese”, “New California” and in the novel Clara dos Anjos, by Lima Barreto. As theoretical support, we will use the following texts: “Dialética da Malandragem”, by Antonio Candido (1970), Carnavais, malandros e heróis, by Roberto DaMatta (1990), A vida de Lima Barreto, by Francisco de Assis Barbosa (2003), Malandragem Revisitada, by Roberto Goto (1988), Que horas são? Ensaio, by Roberto Schwarz (1987), No fio da navalha: malandragem e literatura no samba, by Giovanna Ferreira Dealtry (2009), among others. In our study, we primarily identified the most relevant traits and characteristics of the tricksters, and then carry out the analysis of these elements with the support of theoretical texts, in order to expand the studies on the trickster character and its consequences in Brazilian fiction, and also with the purpose of diffusing works by Lima Barreto that presents characters whose behavior is governed by trickery.*

Keywords: *Trickster; “The man who knew Javanese”; “New California”; Clara dos Anjos; Lima Barreto.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A figura do malandro plasma-se na literatura brasileira a partir do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Joaquim Manuel de Macedo. Seu protagonista usa a astúcia e a malandragem para sobreviver e obter o que necessita. Além disso, tal personagem tem uma capacidade “quase camaleônica de converter-se nas mais diversas identidades”, emprega “o discurso para tirar vantagens dos mais ingênuos”, tenta “conquistar, pela astúcia, uma melhor posição social” (CUNHA, 2016, p. 128, 130, 136).

A respeito dessa figura tão emblemática, podemos afirmar que ela “corrobora a consagração do malandro como figura típica do Brasil” (CRISTINO, 2009, p. 49), que é “capaz de envolver todos nós” e “com ele aprendemos [...] duas grandes lições: do seu gingado, o jeitinho, e da sua sedutora altivez, a coragem para seguirmos em frente” (CRISTINO, 2009, p. 50). Trata-se de um personagem sedutor, que tem a capacidade de nos encantar e, apesar de empregar meios pouco ortodoxos para satisfazer seus propósitos, logra construir “belas páginas de vida” (BARRETO, 2012b, p. 8), nas quais prevalecem o bom humor, a inteligência e um discurso engenhoso e hábil para atingir suas metas.

Nesse artigo, objetivamos analisar os personagens malandros no livro *Clara dos Anjos* (2012a), nos contos “Nova Califórnia” (2018a) e “O homem que sabia javanês” (2012b), escritos por Lima Barreto. Nossa proposta é identificar as características de cada malandro, analisar os atos da malandragem e apontar as suas táticas utilizadas que possibilitam incluí-los numa galeria de personagens malandros da literatura brasileira.

A base teórica para o estudo proposto centra-se nos seguintes textos: “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido (1970, p. 67-89), *Carnavais, malandro e heróis*, de Roberto DaMatta (1997), *Malandragem Revisitada*, de Roberto Goto (1988), *Que horas são? Ensaio*, de Roberto Schwarz (1987), “No tempo do rei”, de Walnice Nogueira Galvão (1976, p. 22-33), “Entre melindres e espertezas: personagens malandras, nos contos de Lima Barreto e José da Silva Coelho”, de João Figueiredo Alves Da Cunha, dentre outros.

1. VIDA E OBRA DE LIMA BARRETO

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881 no Rio de Janeiro, foi um escritor que transcendeu seu período, pois enxergou a arte na sociedade, relatando sua vida e conflitos sociais por meio de suas obras. Filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Pereira de Carvalho, o pai era tipógrafo e a mãe professora do primário, ambos mulatos e pobres; tiveram cinco filhos, o primeiro morreu ainda recém-nascido. Amélia, após o nascimento de seu primeiro filho, ficou doente e, com o passar dos anos, sua saúde foi piorando.

Zélia Freire (2005, p. 95) afirma que, “[p]elo posicionamento crítico do escritor e por estar, na maior parte das vezes, contrário às ideias dominantes, Lima assume o papel quase único de reivindicar mudanças”. O escritor tem um estilo simples, objetivo, revolucionário e de certo modo

direto; percebe as necessidades, valores e problemas das diferentes classes sociais, fazendo uma análise crítica das aparências que a sociedade tenta impor como padrão. A composição de estilo e a norma gramatical pouco importavam para o autor, pois sua intenção era retratar de forma simples a vida que ele observava ao seu redor. Dessa forma, ele sempre está à frente dos acontecimentos, refletindo em suas obras sobre a realidade de sua vida e da sociedade, sendo incompreendido em seu tempo.

Afonso Henriques de Lima Barreto faleceu vítima de um colapso cardíaco, no dia 1 de novembro de 1922, realizando seu desejo de abraçar a morte, conforme ele próprio declarou: “[p]ara se compreender bem um homem não se procure saber como oficialmente viveu. É saber como ele morreu; como ele teve o doce prazer de abraçar a Morte e como Ela o abraçou” (BARRETO, 2018a, p. 612, v. 1). Nota-se o seu forte sentimento em relação à morte, uma vez que, em todos seus textos, esse vocábulo aparece grafado em letra maiúscula.

Lima Barreto escreveu textos humorísticos, contos, sátiras, crônicas e memórias. Em relação aos romances, os títulos que Lima Barreto concebeu foram: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e a Ninfa* (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1948). Seus textos humorísticos foram resumidos e publicados com o título de *Aventuras do Dr. Bogoloff* (1912). Os contos compõem o volume *História e sonhos* (1920), como sátira, há o livro *Os Bruzundangas* (1922). As crônicas encontram-se organizadas nos seguintes títulos: *Bagatelas* (1923), *Feiras e mafuás* (1953) e *Marginália* (1953). E, como texto memorialístico, *Diário Íntimo* (1953).

2. ESTUDOS SOBRE O MALANDRO

Um dos estudos mais relevantes a respeito do personagem malandro é “Dialética da malandragem”, de autoria do crítico Antonio Candido (1970). O referido estudioso caracteriza o malandro como o indivíduo que vive fora das normas estabelecidas, utilizando seu talento para não trabalhar, desse modo tentando conseguir a ascensão social de forma facilitada.

Outro estudioso que se dedicou à pesquisa da malandragem brasileira foi Roberto DaMatta. Para ele, o malandro é um personagem deslocado, que “De fato, o malandro não cabe nem dentro da ordem nem fora dela: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem, utilizando ambas e nutrindo-se tanto dos que estão fora quanto dos que estão dentro do mundo quadrado da estrutura” (DAMATTA, 1997, p. 172).

O antropólogo DaMatta assinala que o malandro vive entre a ordem e a desordem, não tem um lugar determinado na sociedade, pois ele transita de um polo a outro, sem se fixar em nenhum deles, corroborando o posicionamento de Candido (1970), que aponta a itinerância e o trânsito entre a ordem e a desordem como elementos fundamentais de sua caracterização.

O crítico Antonio Candido (1970, p. 71), ao refutar a tese de que Leonardo, do romance *Memórias de um sargento de milícias* (1852-1853), seja um pícaro, acaba por fornecer uma definição do personagem malandro:

Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma* e que Manuel Antônio com certeza plasmou espontaneamente, ao aderir com a inteligência e a afetividade ao tom popular das histórias que, segundo a tradição, ouviu de um companheiro de jornal, antigo sargento comandado pelo Major Vidigal de verdade. O malandro [...] é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. [...]

Para Candido, o malandro usa a sua esperteza, a sua inteligência, para se dar bem e se aproxima do “*trickster*” imemorial e de suas encarnações zoomórficas (macaco, raposa, jabuti), os quais aparecem, invariavelmente, em relatos folclóricos como seres que também empregam a astúcia e a esperteza para se safarem de situações embaraçosas ou conflituosas.

O malandro tem como características principais: carisma, sensualidade, vestimenta apurada, boa lábia, astúcia, necessidade de ascensão social, safadeza, inteligência, quebra de padrões, busca por novos desafios e preguiça. No caso da ascensão social, o sujeito malandro não gosta de trabalhar, pois sempre consegue estar dentro da alta sociedade por meio do “jeitinho”; utilizando-se da safadeza e da inteligência para tirar vantagens para proveito próprio.

A astúcia do personagem consiste em levar vantagem em tudo, realizando golpes sobre os diversos grupos, dessa forma transita entre a ordem e desordem, sem que as pessoas percebam de imediato seus atos, utilizando a sedução como forma de enganar suas vítimas. Segundo DaMatta (1997), a figura do malandro se torna símbolo nacional, pois na sociedade, o engano transita em todos os grupos sociais, ultrapassa diversas gerações, sendo característica da cultura brasileira.

Outros dois atributos do malandro, boa lábia e carisma, são necessários para cativar e convencer a todos. Sua inteligência permite com facilidade planejar “golpes” em benefício de si próprio e, na grande maioria das vezes, ao conseguir seus objetivos, aproveita ao máximo e logo muda o foco, buscando novos desafios. A preguiça faz com que não queira e nem deseje trabalhar, pois sempre prefere soluções que não o prendam ao trabalho assalariado e massificante, que o fixariam em um local preciso e cuja monotonia ele abomina. Ainda que possa exercer trabalhos temporários em empresas ou realizar pequenas tarefas em bares, restaurantes, lojas, o malandro procura sempre garantir a sua liberdade e ganhar a rua, espaço onde pode enganar, trapacear no jogo e sobreviver de expedientes ilícitos.

O “jeitinho” do malandro significa fazer pouco esforço para conseguir algo. Por isso, ele usa a safadeza, o engano e a trapaça como ação para seus atos. O jeitinho pode ser considerado como uma das facetas da malandragem que, segundo Roberto Goto (1988, p. 11), sintetiza certos atributos do brasileiro:

No imaginário da sociedade nacional, [a malandragem] costuma sintetizar certos atributos considerados específicos ou identificadores do brasileiro:

hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura, muito apreciado no futebol e na política, a agilidade e a esperteza no escapar de situações constrangedoras ligadas ao trabalho e à repressão, o ‘jeitinho’ que pacifica contendas, abrevia a solução de problemas, fura filas, supre ou agrava a falta de exercício de uma cidadania efetiva.

O malandro tem o objetivo de sempre se dar bem, não importa o meio que use para conseguir isso. Esse talento não falta ao anti-herói da ficção brasileira e, de certo modo, é o que acaba lhe garantindo sua liberdade, pois ele, frequentemente, envolve-se em situações nas quais necessita usar a sua inteligência para não sofrer punições ou acabar na prisão.

Segundo Giovanna Dealtry (2009, p. 46), “A palavra malandra se transforma em chantagem, engano, logro, convencimento, sedução, ameaça, esperteza, em suma, estratégias de negociação que se constroem na aproximação com o outro e por isso não podem ser fixas nem descodificadas”. Dealtry afirma que as palavras malandragem, malandro(a) expressam o sentido de engano, chantagem e ameaça, apresentam um indivíduo que utiliza a sedução, esperteza para convencimento. Desse modo, tem-se uma ampliação do discurso do malandro, que pode ser analisado pela perspectiva da forma como aborda suas vítimas, o modo como emprega suas táticas de convencimento, sua vestimenta e o vocabulário que utiliza.

O malandro histórico transferiu-se das ruas para a ficção, apresentando os mesmos traços do estereótipo do brasileiro, conforme postula a pesquisadora Walnice Nogueira Galvão (1976, p. 32):

Na ficção e na ensaística, particularmente do século XX, será constante a atribuição dessas características ao brasileiro: vagabundagem, preguiça, sensualidade, indisciplina, vivacidade de espírito - nossa modalidade de “inteligência” – e sobretudo simpatia.

Esses traços são recorrentes nas ficções que têm protagonistas malandros, tais como *Memórias de um gigolô*, de Marcos Rey (1968), *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino (1979), *Mentio Atabualpa*, de Paulo de Carvalho Neto (1985), *Pornopopéia*, de Reinaldo Moraes (2009), dentre outros.

A imagem do malandro propiciou estudos em diversas áreas, entre elas a da literatura e da sociologia. Para Roberto DaMatta, o malandro é um ser deslocado, não valoriza o trabalho cotidiano e massificante e individualiza-se pelo vestuário, pela maneira de usar a fala e no seu modo de locomoção: “E o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se” (DAMATTA, 1997, p. 263).

Roberto Schwarz (1987) caracteriza o malandro como personagem vindo do folclore, ligado à figura de Pedro Malasartes, um típico malandro que consegue levar vantagem em todas as situações. De certa forma, isso acaba sendo incorporado ao comportamento dos indivíduos da sociedade brasileira, que termina difundindo a crença de que o mundo é dos espertos, daqueles que conseguem tirar vantagens dos demais. Ainda em relação a esses aspectos, Schwarz afirma que o

malandro é um ser nacional que se enraizou na cultura brasileira. Esse crítico menciona a questão da ordem e da desordem, que caracterizam o universo do malandro, uma vez que resume “a regra de vida de um setor capital da sociedade brasileira: o dos homens livres que, não sendo escravos nem senhores, viviam num espaço social intermediário e anômico [desorganizado], em que não era possível prescindir da ordem nem viver dentro dela” (SCHWARZ, 1987, p. 138).

A maioria das obras que possuem protagonistas malandros são narradas em primeira pessoa, e por meio desse foco narrativo, contam as suas aventuras, demonstram a malandragem existente por trás dos seus atos, numa espécie de confissão bem-humorada da sua vida pregressa. Assim sendo, o malandro visa sempre à ascensão na sociedade, todos seus atos são planejados e executados, com o objetivo de sustentar-se sem depender do trabalho e permanecendo ao lado daqueles que têm o poder e o dinheiro e pretendem conseguir viver tranquilamente sem sobressaltos.

Roberto Goto (1988, p. 102) enfatiza que nas mãos desse tipo de anti-herói, “trapaças e mentiras tornam-se virtudes, pois servem à boa causa, ao passo que pureza e inocência podem se revelar defeitos fatais; seus atos, de qualquer forma, o enobrecem e permitem pensar num personagem que paira igualmente acima do bem e do mal”. Esse estudioso considera que as trapaças e mentiras são qualidades do malandro, que acabam por denunciar problemas sociais e culturais existentes, e também são utilizadas como forma de sobrevivência e ascensão de padrão econômico.

O malandro, apesar de seus atos da malandragem, expõe os problemas, as fraquezas, os preconceitos, a cultura e o caráter de toda a sociedade. A malandragem e o malandro são, em última instância, o resultado de questões perenes da sociedade brasileira tais como: a falta de trabalho, enriquecimento ilícito, políticos corruptos, o desejo desenfreado pelo luxo e pela posse de bens materiais, a valorização da cultura e de tudo o que é estrangeiro, o individualismo, o caráter pessoal e a transmissão de valores deturpados de uma geração para outra.

3. REPRESENTAÇÕES DA MALANDRAGEM EM ESCRITOS DE LIMA BARRETO

A obra intitulada *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, apresenta um personagem com característica do malandro, Cassi Jones de Azevedo. O romance tem como principais personagens Clara e Cassi, e toda a história acontece no subúrbio carioca. Clara era uma moça de família humilde, e seus pais prezavam pela sua boa educação. Cassi era um jovem malandro, que vivia na boemia, tocando suas músicas, realizando seus atos da malandragem, sempre tendo casos com mulheres casadas e moças negras.

No segundo capítulo do romance, o narrador descreve o protagonista nos seguintes termos:

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado “modinhoso”, além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuoso do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da Rua do Ouvidor; mas,

pelo apuro forçado e o degagé suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo “Brandão”, das margens da Central, que lhe talhava as roupas. A única pelintragung, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio - a famosa “pastinha”. Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão. Era bem misterioso esse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor. Fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas. (BARRETO, 2012a, p. 84-86).

Nota-se, pela descrição acima, que Cassi Jones é um rematado malandro, que utiliza a boa aparência, roupas da moda e muita lábia para seduzir mulheres pobres. Aliás, além da esperteza, grande parte dos personagens malandros possuem também o perfil de sedutores, conquistam várias mulheres, exploram-nas e as abandonam.

O protagonista sempre foi mimado, incapaz de exercer qualquer trabalho ou se dedicar a qualquer tipo de esforço físico, além de ser extremamente vaidoso. Devido a uma educação permissiva e que nunca lhe fixou qualquer limite, julgava-se no direito de fazer o que bem lhe aprouvesse em relação às mulheres que porventura cruzassem o seu caminho. Nota-se “[...] a ausência de qualquer traço de positividade na principal figura que representa o arquétipo do malandro na trama. Cassi Jones é um aproveitador inconsequente [...]” (CRISTINO, 2009, p. 42).

O malandro, ao tocar na festa de aniversário de Clara, acaba por seduzir a inocente moça. Depois de alguns dias de namoro escondido, Cassi consegue ser o primeiro homem da vida de Clara. Após o ato de paixão, Clara se encontra desolada, pois engravidada de Cassi Jones, tendo além de sua honra perdida, um amor não correspondido e ainda recebe a notícia de que seu amado teria fugido.

Além de Cassi Jones, há outros personagens em Clara dos Anjos, que “poderiam compor uma galeria da tipologia malandra” (CRISTINO, 2009, p. 44), pois “Em seu romance, Lima Barreto ainda captou outros exemplares da malandragem. [...] em torno de Cassi Jones, estão Franco Souza, que se passava por advogado para pegar adiantamentos de eventuais clientes, Arnaldo, especialista em roubar passageiros distraídos dos trens e, finalmente, o mulato Ataliba Timbó, que teria sido operário, mas largara o emprego devido a desentendimentos com a polícia.” (CRISTINO, 2009, p. 43)

Um elemento que, sem sombra de dúvida, é um traço marcante da personalidade, não só de Cassi Jones, mas de todos os malandros que povoam o território da ficção, é a covardia. Ele é amoral, não tem princípios e não se importa nem um pouco com aqueles que engana, prejudica, e, no caso do protagonista de Clara dos Anjos, ele não mede esforços para satisfazer seus desejos e instintos. De certa forma, Cassi Jones é um Don Juan, um conquistador, uma figura que é incapaz de se apaixonar e se dedicar a uma única mulher. Assim, essa personagem é marcada pelo erotismo exacerbado, e tem como objetivo principal a realização e a satisfação sexual.

No conto “A nova Califórnia”, o malandro Raimundo Flamel é tido como sábio, pois

recebia cartas em diversas línguas, vivia em meio ao mistério, e a postura, o vocabulário utilizado ao falar com a comunidade fez com que a população da pequena cidade presumisse que Flamel fosse um doutor, conforme se verifica no seguinte excerto:

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do Correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arresadas, livros, pacotes... (BARRETO, 2018b, p. 303, v.2)

Identificamos que o personagem transitou por diversas localidades do mundo, possui um vocabulário e conhecimento ampliados de diferentes idiomas. Esse fato corrobora a afirmação de Antonio Candido (1970) segundo a qual o malandro tem como característica o deslocamento constante, seja dentro de uma cidade, do país, chegando até mesmo a viajar para diferentes países estrangeiros.

Segundo Rocha (2006, p. 42), os malandros “sabem tirar vantagem de tudo e de todos, sobretudo se forem pessoas comuns, incapazes de se defender”. O personagem malandro utiliza suas artimanhas e inteligência para aplicar golpes, nos diversos grupos sociais, tendo como principal alvo qualquer ser incauto e crédulo com quem venha a estabelecer contato. O malandro usa como estratégias os pontos fracos de suas vítimas, como os sonhos, o desejo por conhecimento estrangeiro, a vontade de participar em eventos da alta sociedade, a ambição em ganhar dinheiro fácil.

O personagem utiliza sua inteligência, astúcia, boa lábia e poder de convencimento para aplicar seu golpe, como se pode depreender no trecho que segue:

[...]
— Como o senhor deve saber, dedico-me à química, tenho mesmo um nome respeitado no mundo sábio...
— Sei perfeitamente, doutor, mesmo tenho disso informado, aqui, aos meus amigos.
— Obrigado. Pois bem: fiz uma grande descoberta, extraordinária. . .
Envergonhado com o seu entusiasmo, o sábio fez uma pausa e depois continuou:
— Uma descoberta... Mas não me convém, por ora, comunicar ao mundo sábio, compreende?
— Perfeitamente.
— Por isso precisava de três pessoas conceituadas que fossem testemunhas de uma experiência dela e me dessem um atestado em forma, para resguardar a prioridade da minha invenção...
O senhor sabe: há acontecimentos imprevistos e...
— Certamente! Não há dúvida!
— Imagine o senhor que se trata de fazer ouro...
— Como? O quê? fez Bastos, arregalando os olhos.
(BARRETO, 2018b, p. 307, v.2)

Observamos que o malandro utiliza suas táticas para convencer sua primeira vítima, e esta se torna parte importante para a veracidade da sua mentira e futuro golpe. Raimundo observa os perfis das pessoas, analisando o quanto a população valoriza a questão da riqueza e, por esse fato, seu plano se adequa, de certa maneira, à ganancia dessa comunidade.

Roberto Goto (1988, p. 102) enfatiza que nas mãos desse tipo de anti-herói, “trapaças e mentiras tornam-se virtudes, pois servem à boa causa, ao passo que pureza e inocência podem se revelar defeitos fatais; seus atos, de qualquer forma, o enobrecem e permitem pensar num personagem que paira igualmente acima do bem e do mal”. Esse estudioso considera que as trapaças e mentiras são qualidades do malandro, que acabam por denunciar problemas sociais e culturais existentes, e também são utilizadas como forma de sobrevivência e ascensão de padrão econômico por parte dos personagens malandros.

O ato de malandragem utilizado por Raimundo Flamel, de certa maneira, desvela a ambição, o desejo de fortuna que se encontra presente no cidadão comum e é ainda mais forte na elite (nos mais ricos). Ao colocar seu golpe em prática, Flamel denuncia problemas sociais como a ganância, o desejo de conseguir dinheiro fácil, a possibilidade de se enriquecer ou aumentar os bens materiais. A esse respeito, observemos o fragmento transcrito:

A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre as famílias questões surgiram. Unicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acordo e houve uma vez que o pequeno, uma esperta criança de onze anos, até aconselhou ao pai: “Papai vamos aonde está mamãe; ela era tão gorda...” De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência. Uma única pessoa lá não estivera, não matara nem profanara sepulturas: fora o bêbedo Belmiro. (BARRETO, 2018b, p. 312, v. 2)

Identificamos que as atitudes malandras de Flamel denunciam a valorização da riqueza por parte da sociedade, a sabedoria limitada e ditada unicamente pelo conhecimento de línguas estrangeiras. A característica principal do malandro, a inteligência, fez com que esse malandro observasse suas vítimas, estudasse sua argumentação, e o emprego do testemunho do “professor de química” como forma de convencimento da população. Assim, ele conseguiu ludibriá-los e jogá-los uns contra os outros, desvelando que o ser humano é movido por interesses, pelo desejo de conseguir riqueza e que não existe solidariedade nas relações dos seres humanos em sociedade.

No conto “O homem que sabia javanês”, o protagonista narra em primeira pessoa as suas aventuras. Ele acumula as funções de narrador e de personagem no relato:

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades para poder viver. Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

[...]

– Cansa-se; mas não é disso que me admiro. O que me admira é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês? (BARRETO, 2012b, p. 7-8)

Nessa passagem, identificamos uma crítica referente à sociedade da época, a qual Castelo considera como burocrática e imbecil. Ele inicia sua narração contando ao amigo Castro a mais importante aventura de sua vida, a de como conseguiu tornar-se cônsul. Ele é um “malandro por experiência, consciente dos danos que causa a ponto de contá-los a terceiros, caçoando do ocorrido” (ARBOLEYA, 2017, p. 238).

Castelo vive entre a ordem e a desordem, não possui um lugar fixo, ele transita entre diversas localidades, não tendo um lugar determinado, utilizando seu talento para conquistar a ascensão social de maneira facilitada, retomando o posicionamento de Antonio Candido (1970), ao caracterizar o personagem malandro como um ser das margens, que sabe aproveitar as oportunidades que encontra.

O malandro tem como uma de suas principais características o emprego da sua astúcia e inteligência para conseguir atingir seus objetivos. Castelo, após demonstrar seu interesse pelo anúncio, trata de estudar a língua Javanesa, descobrindo a origem e criando as pronúncias das palavras encontradas na *Grande Encyclopédie*, conforme ele mesmo deixa evidente no trecho que transcrevemos abaixo:

A Encyclopédie dava-me indicações de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

[...] Convenci-me de que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos. (BARRETO, 2012b, p. 11)

É possível notar a situação difícil na qual se encontra Castelo, uma vez que ele precisa fugir do assédio do dono da pensão que quer receber o aluguel atrasado. Ele está praticamente num “beco sem saída”, quando surge a oportunidade de se fazer passar por professor de uma língua desconhecida e ele vê nesse fato a chance que necessita para sair da situação de penúria em que se encontra. O malandro, ao buscar informações sobre a língua javanesa, desenvolve suas táticas para convencer sua vítima. Aplicando sua boa lábia consigo mesmo, trata de se convencer de que a língua malaia era a mais fácil do mundo. A figura do professor de javanês torna-se para o malandro Castelo um personagem, que ele consegue interpretar com maestria. Os atos do malandro são planejados com antecedência e modificados conforme as situações conflituosas que vão surgindo ao longo de sua jornada até virar cônsul.

Durante o período de conversa com o Barão de Jacuecanga, o malandro foi indagado pelo nobre senhor, sobre sua origem e o modo como aprendeu javanês: “– E onde aprendeu javanês? – indagou ele, com aquela teimosia peculiar dos velhos” (BARRETO, 2012, p. 16). Evidentemente,

ele soube se safar dessa situação que poderia ser embaraçosa, inventando uma resposta plausível para o seu futuro empregador:

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Conteí– lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês. (BARRETO, 2012b, p. 16)

Nesse sentido, vale reportarmo-nos a Roberto Goto (1988), que afirma que o malandro utiliza o “jeitinho” e a inteligência para se safar de situações conflituosas, que poderiam colocar seus planos em risco, e essa é a estratégia que usa Castelo nessa e em outras situações com as quais se depara durante o seu trajeto de tentar ascender socialmente.

Roberto DaMatta (1997) declara que o malandro emprega suas forças para sobreviver num mundo onde predominam os mais fortes e espertos. Dessa forma, o malandro Castelo aceita todas as oportunidades oferecidas por sua mentira, com o foco na sua principal ambição que é a ascensão social. As boas relações com o Barão permitem que Castelo tenha sucesso em suas pretensões, como se pode verificar no fragmento seguinte:

[...] o senhor não deve ir para a diplomacia; seu físico não se presta... O bom seria o consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller e outros! Imagina tu que até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios. (BARRETO, 2012, p. 25)

Notamos que o seu golpe o levou para a diplomacia, e Castelo acabou sendo nomeado como Cônsul em Havana. Seu ato de malandragem não havia sido planejado para atingir as esferas de poder, mas sim elevar seu nível social. A sua atuação leva-o a conseguir não só solucionar o seu problema de falta de dinheiro, como também a obter um alto posto, talvez um dos mais cobiçados por aqueles que têm aspirações a se destacarem e a serem reconhecidos e admirados na vida em sociedade.

Constatamos que o malandro Castelo usa a todo o momento sua esperteza, preguiça e boa lábia, pois afirma que não tinha o menor interesse em aprender a língua javanesa. Contudo, aproveita as oportunidades, criando e inventando artigos e notas superficiais sobre a língua javanesa, demonstrando sua real intenção que é a de se dar bem, ter dinheiro e uma posição destacada dentro da sociedade, objetivos que são apontados e discutidos pelos críticos Roberto DaMatta (1997), Walnice Nogueira Galvão (1976), Roberto Goto (1988) e que são traços comuns encontrados em vários personagens malandros da ficção brasileira. Por fim, o malandro Castelo conseguiu a sua ascensão social, aproveitando-se de todas as possibilidades que surgiram, aprimorando cada vez mais suas mentiras e atos de malandragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o malandro é um indivíduo que transita entre a ordem e desordem dentro da sociedade, na qual não segue padrões estipulados, possui como características a inteligência, astúcia, preguiça, boa lábia, carisma, boa vestimenta, é aventureiro, avesso ao trabalho, tem, em muitas narrativas, uma sensualidade exacerbada. É um anti-herói que narra suas aventuras, as quais refletem e denunciam os problemas sociais existentes na comunidade da qual faz parte.

O malandro, por não ser adepto ao trabalho formal, aplica golpes para sobreviver e modificar seu status social, e seus principais objetivos são a ascensão social e a obtenção de dinheiro. Marcado geralmente por um destino humilde, ele encontra na malandragem a chance de melhorar de vida. Seus golpes são aplicados em diferentes grupos sociais, não importando os meios que utiliza para conquistar suas metas. A inteligência, astúcia, boa lábia e vestimenta são empregadas ao desenvolver suas táticas para convencer suas vítimas e utiliza o famoso “jeitinho” e sua capacidade de improvisar, para se safar de situações conflituosas.

Nos textos analisados, verificamos que Cassi Jones configura-se como o malandro sedutor, apoiado pela família aristocrática, não é punido pelos seus atos e, num certo sentido, pode-se perceber que a sociedade valoriza e incentiva esse tipo de comportamento. Já Raimundo Flamel e Castelo deixam patente que se pode enganar toda a sociedade e sair impunemente, bastando saber usar a esperteza e a inteligência para convencer as suas vítimas e poder tirar todo o proveito das situações que aparecem.

Em síntese, foi possível observar que os personagens analisados são legítimos malandros, e suas atuações malandras ficam evidenciadas desde o início de seus relatos, cujo enredo “se constrói como uma sobreposição de narrativas enganosas” (CUNHA, 2016, p. 138). Pela leitura dos contos e do romance, fica comprovado que os atos de malandragem de Cassi Jones, Flamel e Castelo levaram-nos a alcançar seus objetivos. Assim, esses malandros devem figurar ao lado de Leonardo Pataca, Macunaíma e tantas outras representações de personagens malandros que povoam a literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

ARBOLEYA, Valdinei José. O homem cordial e a formação do povo brasileiro: um estudo das obras *Memórias de um sargento de milícias*, *O homem que sabia javanês* e *Macunaíma*. *Revista de Literatura, História e Memória*, Unioeste, Campus de Cascavel, v. 13, n. 21, 2017, p. 233-248.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto* (1881-1922). 9. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário Íntimo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Lima Barreto: obras reunidas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova

Fronteira, 2018a, v. 1

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. A nova Califórnia. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Lima Barreto: obras reunidas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018b, p. 302-312, v. 2.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012a.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. O homem que sabia javanês. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *O homem que sabia javanês e outros contos*. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012b.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das “Memórias de um sargento de milícias”). *Revista do instituto de estudos Brasileiros*, n. 8. Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

CRISTINO, Leandro Nascimento. A malandragem como emblema nacional. *Soletras*, ano IX, n. 17 – Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009, p. 39-51.

CUNHA, João Figueiredo Alves Da. *Entre melindres e espertezas: personagens malandras, nos contos de Lima Barreto e José da Silva Coelho*. Tese (Doutorado em Letras), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP, São Paulo, 2016.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

FREIRE, Zélia. R. N. S. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No tempo do rei. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, p. 27-33.

GOTO, Roberto. *Malandragem revisitada: uma leitura ideológica de “Dialética da malandragem”*. Campinas-SP: Pontes, 1988.

ROCHA, João César de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a “dialética da marginalidade”. *Letras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, n. 32, jun. 2006, p. 23-70.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Victoria Nantes Marinho Adorno

Mestranda em Letras (UEMS) e Graduada no curso de Letras- Português/ Espanhol (UEMS).
E-mail: nantes29victoria@gmail.com

Altamir Botoso

Graduado em Letras: Português e Inglês/Português e Espanhol/Português e Francês/Português e Italiano (UNESP), Mestrado e doutorado em Letras (UNESP). Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- Unidade Campo Grande. E-mail: abotoso@uol.com.br

Recebido em 10/01/2022.

Aceito em 10/03/2022.